

# COMPORTAMENTO PROCRASTINADOR E DESEMPENHO ACADÊMICO DE ESTUDANTES DO CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

Flávio Ribeiro<sup>1</sup>  
Bruna Camargos Avelino<sup>2</sup>  
Romualdo Douglas Colauto<sup>3</sup>  
Sílvia Pereira de Castro Casa Nova<sup>4</sup>

**Resumo:** O objetivo desta pesquisa consiste em investigar a relação entre o comportamento procrastinador e o desempenho acadêmico de alunos do curso de graduação em Ciências Contábeis. Caracteriza-se como um estudo exploratório e utiliza uma escala psicométrica desenvolvida por Lay (1986) composta de 20 assertivas para identificar o nível de procrastinação dos estudantes. Participaram da pesquisa 200 estudantes de três instituições de ensino públicas brasileiras. Os resultados da escala psicométrica foram comparados com o desempenho acadêmico dos estudantes, mensurado por meio da utilização de três métricas distintas. Os escores normalizados sugerem que estudantes com altos níveis de procrastinação tendem a ter seu desempenho escolar reduzido. Estudantes do gênero masculino tendem a ser mais procrastinadores. Contudo, a ausência de significância não permite rejeitar a hipótese nula de inexistência de diferença entre os gêneros dos acadêmicos e o nível de procrastinação.

**Palavras-chave:** Procrastinação; Gênero; Estudantes de Contabilidade; Desempenho Acadêmico.

<sup>1</sup> E-mail: flavio\_ribeiro@ufpr.br - Universidade Federal do Paraná - UFPR

<sup>2</sup> E-mail: bcavelino@gmail.com - Universidade de São Paulo - USP

<sup>3</sup> E-mail: rdcolauto.ufpr@gmail.com - Universidade Federal do Paraná - UFPR

<sup>4</sup> E-mail: silvianova@usp.br - Universidade de São Paulo - USP

- DOI: <http://dx.doi.org/10.14392/asaa.2014070304>
- Artigo recebido em 28/09/2014 e aprovado em 22/12/2014
- Artigo apresentado na sessão FAST TRACK do VIII Congresso ANPCONT 2014

# PROCRASTINATION BEHAVIOR AND ACADEMIC PERFORMANCE OF ACCOUNTING UNDERGRADUATE STUDENTS

**Abstract:** The aim of this research consists in investigating the relation between procrastination behavior and academic achievement of Accounting students. It is an exploratory research that uses the Lay's (1986) psychometric scale, comprising 20 affirmatives to identify students' procrastination level. A sample of 200 students from three Brazilian public higher education institutions participated in the research. The results were obtained using the psychometric scale and were compared to the average of the students' Academic Achievement Index. The normalized scores suggest that students with high procrastination level tend to have a lower academic achievement index. On average, male student's level of procrastination is higher than females'. However, our results show that this difference is statistically non-significant.

**Keywords:** Procrastination; Gender; Accounting students; Academic Achievement.

## 1. INTRODUÇÃO

**P**essoas que procrastinam ficam apreensivas pelo fato de poderem ser julgadas pelos outros ou pelo senso de autocrítica. Certos indivíduos temem ser descobertos em faltas ou que os seus melhores esforços não sejam suficientemente bons para atingir um determinado alvo. Essa preocupação reflete o medo do fracasso. Outras pessoas se preocupam mais em ser julgadas como boas demais ou como grandes realizadoras e, assim, tendem a pensar que terão que enfrentar consequências desagradáveis por se destacarem, como, por exemplo, a possibilidade de fazer sofrer pessoas próximas e queridas que apesar do esforço não obtiveram o mesmo sucesso. Essa preocupação reflete o medo do sucesso (BURKA; YUEN, 1991).

Burka e Yuen (1991) expressam que existem duas maneiras pelas quais os indivíduos procrastinam. A primeira ocorre quando o adiamento resulta em consequências externas, que variam desde um efeito inofensivo como, por exemplo, uma multa decorrente do atraso na entrega de um livro à biblioteca, até os graves, que acabam comprometendo o emprego ou mesmo o casamento do indivíduo. A segunda maneira ocorre quando as pessoas que procrastinam passam a sofrer consequências internas pelas suas atitudes, sendo que os sentimentos variam desde uma leve irritação a uma autocondenação por não concluir determinada tarefa. Nesse sentido, o fato de procrastinar torna-se um problema substancialmente grave, podendo afetar diretamente o desempenho do indivíduo em seu trabalho, escola, relacionamentos e em casa.

A procrastinação pode ser caracterizada como um comportamento comum às pessoas, principalmente quando relacionada a tarefas cotidianas (ENUMO; KERBAUY; 1999). A atitude procrastinadora consiste em postergar o início, o desenvolvimento ou o término de uma atividade (FERRARI; JOHNSON; MCCOWN, 1995), podendo ser decorrente, também, do adiamento na tomada de alguma decisão importante.

Pode-se dizer que o comportamento procrastinador é inerente à evolução da civilização humana. Desde a antiga Babilônia, Hammurabi, reconhecendo os inconvenientes decorrentes de atrasos, condenava a procrastinação por meio de seus 283 códigos. Esse problema também foi constatado em outras civilizações antigas como o Império Egípcio (FERRARI; BECK, 1998) e Império Romano (FERREIRA, 1964). A procrastinação tornou-se mais evidente na sociedade ocidental com a Revolução Industrial, em virtude da relação crescente entre a produção e o uso eficaz do tempo (KNAUS, 2000).

A procrastinação parece ser um problema que já afeta uma parcela significativa da população. Harriott e Ferrari (1996) e Schouwenburg (2004) observaram que mais de 20% das pessoas apresentam um comportamento procrastinador grave em atividades cotidianas, como pagar contas e fazer exames médicos. Ferrari, O'Callaghan e Newbegin (2005) estimam que aproximadamente 70% dos estudantes universitários procrastinam suas atividades e essa tendência à procrastinação pode refletir negativamente no seu desempenho acadêmico. Popoola (2005) investigou a relação entre a procrastinação e o desempenho acadêmico de estudantes da Universidade de Obafemi Awolowo, na Nigéria, com uma amostra de 185 alunos do último ano do curso de Educação. Encon-

trou evidências de uma relação inversa significativa entre o nível de procrastinação e o desempenho acadêmico mensurado pela média de pontos acumulados durante o curso.

No âmbito acadêmico, a procrastinação pode ser caracterizada como a postergação da realização de tarefas acadêmicas (preparar artigos científicos, trabalhos escritos ou estudar para exames) para o último momento possível (HILL et al. 1978) ou mesmo a não conclusão de uma dessas tarefas dentro da moldura temporal definida (SENÉCAL; KOESTNER; VALLERAND; 1995). Os reflexos do comportamento procrastinador podem variar de um simples transtorno até perdas financeiras significativas. Embora a procrastinação possa ser entendida como um fenômeno que se manifesta de modo voluntário, tratando-se, portanto, de uma decisão individual, tal comportamento implica em consequências negativas para o estudante, uma vez que a vida deste se caracteriza pelo cumprimento de prazos. Nesse sentido, surge a necessidade de direcionarmos a devida atenção a este processo.

Dada a importância de pesquisas relacionadas ao comportamento procrastinador dos alunos, o presente estudo tem como objetivo investigar a relação entre o comportamento procrastinador e o desempenho acadêmico de alunos do curso de graduação em Ciências Contábeis de Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras.

Espera-se, com esta pesquisa, suscitar discussões que contribuam para o entendimento de aspectos comportamentais que se refletem no desempenho e no bem-estar de estudantes universitários e, mais tardiamente, profissionais. Especificamente, quando se consideram os cursos de graduação em Ciências Contábeis no Brasil, não foram encontrados estudos que tratassem do tema, o que apresenta uma possibilidade profícua de inserir esta temática na discussão teórica nessa área do conhecimento e, conseqüentemente, na verificação empírica entre os atores no campo do ensino e pesquisa em Contabilidade. Ademais, no curso de graduação, os estudantes necessitam constantemente se organizar e lidar com tarefas complexas que possuem, muitas vezes, prazos simultâneos. Precisam, ainda, se dedicar a estágios e/ou projetos de iniciação científica, tornando-se imprescindível que sejam capazes de realizar atividades acadêmicas e pessoais com qualidade e em tempo hábil.

Ressalta-se, também, que a procrastinação pode influir negativamente no processo de aprendizagem e no desempenho acadêmico do estudante, além de ser associada a baixos níveis de autodisciplina, controle, estabilidade emocional e propensão a favorecer estados emocionais desadaptadores, como raiva, ansiedade ou depressão (STEEL, 2007; SCHOUWENBURG, 2004; VAN EERDE, 2004; SAMPAIO, 2011). O comportamento descrito pode resultar, em última instância, no aumento da evasão nos cursos de graduação. A evasão, por sua vez, implica na perda de recursos investidos tanto pelo próprio estudante e/ou familiares, como pela sociedade como um todo, principalmente quando se investiga a questão em instituições de ensino superior públicas. E, em decorrência, na perda de talentos para a nossa sociedade. Embora este aspecto não tenha sido diretamente testado no presente estudo, destaca-se a relevância de estimular pesquisas relacionadas à temática em análise.

## 2. PROCRASTINAÇÃO E SEUS REFLEXOS NO AMBIENTE ACADÊMICO

A procrastinação é um fenômeno que aflige pessoas de todas as profissões. Em ambientes organizacionais, pessoas procrastinam reduzindo o ritmo de trabalho ao invés de acompanhar a demanda de obrigações; outras, irritadas pela burocracia, preferem arquivar os documentos como “pendentes” ao invés de terminar o trabalho. Em casa, a procrastinação é ainda mais acentuada: tarefas como pintura da casa e limpeza do porão esperam anos para serem concluídas (BURKA; YUEN, 1991). No Brasil, a procrastinação no ambiente profissional encontra termos próprios e jargões como “fazer cera”, “operação abelha” ou, ainda, “enrolar”. Pode estar atrelada com um traço cultural profundamente relacionado ao Brasil: o “jeitinho brasileiro”. Ou seja, pode-se adiar o que é preciso ser feito porque, ao final, sempre, haverá um “jeitinho”.

Com origem na literatura psicológica, a procrastinação é um conceito polissêmico e, como tal, de difícil definição. O termo procrastinar deriva do latim procrastinare e literalmente significa “deixar para o dia de amanhã”, adiar, deferir, delongar (COSTA, 2007). Apesar de existirem abordagens teóricas distintas sobre o tema, Steel (2007) ressalta que as conceituações da procrastinação possuem um núcleo comum: todas as definições reconhecem a procrastinação como um traço ou uma disposição comportamental, na qual deve haver algum tipo de adiamento ou atraso. No geral, quando se trata de procrastinação, a tarefa adiada é substituída por outra menos importante (e muitas vezes mais prazerosa), de forma que o indivíduo que age dessa maneira se sente desconfortável com a situação (SCHOUWENBURG, 2004), o que normalmente não ocorre, por exemplo, no ócio ou na preguiça, haja vista que nesses tipos de situação nenhuma outra ação é realizada (SAMPAIO, 2011).

Ferrari, Johnson e McCown (1995) classificaram três tipos de comportamento procrastinador em função de teorias cognitivas e comportamentais. A primeira, que recebe a denominação de crenças irracionais, diz respeito a procrastinadores que duvidam de suas habilidades. Nesse contexto, devido às elevadas cobranças, as falhas são inevitáveis, sendo que a procrastinação acaba originando uma desculpa para os fracos resultados. A segunda vertente analisa a relação da procrastinação com teorias pautadas no controle da legitimidade. Embora as pesquisas nessa linha não tenham chegado a resultados conclusivos, Rothblum, Solomon e Murakami (1986) associam a demasiada procrastinação acadêmica ao sucesso acadêmico externo e a fatores instáveis. A última categoria relaciona-se ao perfeccionista irracional. Tal comportamento está associado à procrastinação acadêmica, uma vez que procrastinadores, ao serem demasiadamente impulsionados pela sua necessidade de perfeição, passam a ser atormentados pelas metas. Os indivíduos classificados nesta categoria temem que seus melhores resultados não sejam suficientemente bons (BURKA, YUEN, 1991). Nesse último caso, vale o pensamento filosófico, que se tornou um dito popular, de que o ótimo é inimigo do bom, algumas vezes atribuído a Voltaire (1694-1778).

Pesquisas sobre a procrastinação são relativamente recentes, datando da década de 80 (GREEN, 1982; SOLOMON; ROTHBLUM, 1984; ROTHBLUM; SOLOMON; MURAKAMI, 1986; LAY, 1986; BESWICK; ROTHBLUM; MANN, 1988). Os estudos abordam o fenômeno sob diversas interpretações e definições. Schouwenburg (2004) e Steel (2007) destacam dois posicionamentos que guiam as investigações sobre esse fenômeno. O primeiro caracteriza a procrastinação com base em traços da personalidade, ou seja, é uma disposição de exibir respostas típicas em situações variadas. Dessa forma, procrastinar pode ser entendido como a intenção de adiar aquilo que é indispensável para alcançar determinado objetivo. Pesquisas nessa linha investigam a associação da procrastinação com o modelo dos Cinco Grandes Fatores (neuroticismo, extroversão, franqueza, afabilidade e consciência), cuja origem se deu nos estudos sobre a Teoria dos Traços de Personalidade, descrevendo dimensões humanas básicas de forma consistente e replicável (MCCRAE; COSTA, 1989). A segunda vertente analisa o fenômeno com base no comportamento do indivíduo. Esse posicionamento entende a procrastinação como algo dinâmico que se altera ao longo da vida, dependendo da interação entre os indivíduos. Pesquisas nessa área envolvem aspectos cognitivos, metacognitivos, ambientais e processos motivacionais. A presente pesquisa segue essa vertente, compreendendo a procrastinação como um fenômeno que se manifesta de forma voluntária nos indivíduos e abrange o comportamento de adiar ações ou compromissos relevantes, mesmo com a possibilidade de ter um desempenho insatisfatório (SAMPAIO; BARIANI, 2011).

No âmbito acadêmico ou educacional, a procrastinação manifesta-se por meio da ação de adiar o compromisso de estudar ou de completar as tarefas solicitadas pelos professores (COSTA, 2007). Embora o atraso no início do estudo possa estar associado à dificuldade na formulação dos objetivos de aprendizagem, Schouwenburg (1995) argumenta que, em muitos casos, tal fenômeno está relacionado com a intenção do aluno em postergar suas tarefas. Além disso, os acadêmicos procrastinadores demonstram facilidade em se distrair por meio de estímulos exteriores, que estão cada vez mais presentes e próximos no contexto atual, na forma de redes sociais e da Internet. Ou seja, anteriormente, estudantes que estavam lendo ou concluindo suas tarefas, se sentiam atraídos pelas atividades que os amigos estavam realizando fora de suas janelas. Atualmente, a atração é pelas atividades que estão sendo “realizadas” na “janela” (tela) de seu computador, *smartphone* ou *tablet*.

De modo geral, conforme destaca Sampaio (2011), as causas para a procrastinação acadêmica são variadas na literatura. Estudos apontam tanto para causas ambientais, como, por exemplo, influências parentais, normas sociais, aversão ou dificuldade com a tarefa, com aspectos pessoais, como a orientação de metas, a atribuição de causalidade, o autocontrole, crenças irrealistas, quanto com aspectos relacionados ao medo de desaprovação social, baixa percepção de autoeficácia e de autoestima voltadas para o estudo, dificuldade com a gestão do tempo e o planejamento para estudar e de disciplina para o trabalho (FERRARI, 2004).

Em termos de pesquisas científicas internacionais e nacionais, a temática da procrastinação tem sido amplamente investigada em áreas distintas do conhecimento, sobretudo no domínio acadêmico. Em geral, as pesquisas nacionais e internacionais

têm buscado respostas para o comportamento procrastinador, além de investigar seus reflexos no ambiente educacional.

Solomon e Rothblum (1984) investigaram a frequência da procrastinação acadêmica em estudantes da *University of Vermont* (Estados Unidos) matriculados na disciplina de Introdução à Psicologia no ano de 1982, além de analisar as razões para tal comportamento. Para atingir o objetivo proposto, os autores criaram uma escala denominada *Procrastination Assessment Scale-Students* (PASS), que se subdivide em duas partes: a primeira investiga a frequência da procrastinação em determinadas tarefas acadêmicas e se os respondentes consideram que a procrastinação constitui-se em um problema que almejam diminuir; a segunda, as razões associadas à procrastinação. Os resultados demonstraram que a procrastinação não é apenas uma deficiência na gestão do tempo de estudo, mas envolve uma interação complexa de componentes comportamentais, cognitivos e afetivos. O estudo indicou duas razões principais para a procrastinação: medo do fracasso e aversão à tarefa.

Rothblum, Solomon e Murakami (1986) examinaram a relação entre a procrastinação acadêmica e os traços característicos de 379 estudantes da *University of Vermont* matriculados na disciplina de Introdução à Psicologia no ano de 1984. Os estudantes foram avaliados três vezes em períodos próximos aos testes. Os resultados indicaram que 40% dos acadêmicos relatam algum nível de procrastinação e esse relato está correlacionado positivamente com o atraso nas respostas do exame e negativamente relacionado com a média das notas. O estudo também observou que os estudantes com altos níveis de procrastinação, especialmente mulheres, estão mais propensos a relatar ansiedade nos testes e atribuírem o sucesso nos exames a fatores externos e instáveis.

O estudo de Beswick, Rothblum e Mann (1988), realizado na Austrália com 245 estudantes de Psicologia, analisou três explicações psicológicas para a procrastinação: indecisão, crenças irracionais sobre autoestima e baixa autoestima. Os autores não encontraram relação significativa entre a procrastinação e as crenças irracionais. No entanto, houve correlação negativa e significativa entre a procrastinação e a autoestima. Adicionalmente, descobriu-se que os estudantes que adiavam a realização ou a conclusão de seus trabalhos acadêmicos tendiam a ter uma baixa autoestima.

Orpen (1998) investigou se alunos intrinsecamente motivados em aprender tendem a procrastinar menos do que alunos externamente motivados, além de explorar as consequências da procrastinação. A amostra do estudo consistiu em 102 alunos australianos e os resultados indicaram uma correlação positiva e significativa entre a procrastinação e a motivação extrínseca e uma relação negativa e significativa entre a procrastinação e a motivação intrínseca.

Day, Mensik e O'Sullivan (2000) estudaram 242 universitários canadenses para identificar os tipos de tarefas mais procrastinadas. Os resultados apontaram que as atividades mais adiadas pelos estudantes foram a leitura acadêmica obrigatória, a redação de textos, os trabalhos acadêmicos e o estudo para provas e avaliações. Identificaram, também, que os estudantes tendiam, em sua maioria, a procrastinar apenas no início dessas tarefas, sem, contudo, interrompê-las posteriormente.

Tuckman (2007) fez um experimento para testar se a adição de recursos para aumentar a motivação reflete positivamente no desempenho e aprendizado dos estudantes de um curso a distância. Com uma amostra de 98 estudantes, 56 homens e 42 mulheres, o autor dividiu os indivíduos em dois grupos e expôs cada grupo a um método diferenciado de ensino a distância, um tradicional e o outro com recursos motivacionais. Os resultados demonstraram que os estudantes com comportamento procrastinador expostos ao método com recursos motivacionais demonstraram melhor desempenho do que os estudantes que ficaram restritos ao método tradicional.

Costa (2007) investigou o comportamento procrastinador de alunos do ensino fundamental em Portugal. Para isso, construiu um instrumento de avaliação da procrastinação. Utilizou o modelo em uma amostra de 1.310 estudantes do 7º, 8º e 9º período de escolaridade. Os resultados demonstraram que um nível superior de procrastinação nos estudos diários ocorre com pessoas do gênero feminino. Além disso, constatou-se uma associação significativa do nível de procrastinação com variáveis relacionadas ao período escolar, número de reprovações, notas nas disciplinas de português e matemática e o nível de instrução de pais e mães.

Em contraposição ao estudo de Costa (2007), a pesquisa conduzida por Balkis e Duru (2009) com 329 universitárias turcas do gênero feminino e 251 universitários turcos do gênero masculino indicou que a tendência para manifestar o comportamento procrastinador era maior entre os homens.

Rotenstein, Davis e Tatum (2009) investigaram o efeito da procrastinação no desempenho acadêmico. Analisando uma amostra de 297 estudantes do curso de Contabilidade Financeira, identificaram uma relação negativa e significativa entre o comportamento procrastinador e o desempenho dos estudantes.

Klassen e Kuzucu (2009) investigaram a associação entre a procrastinação e variáveis motivacionais em uma amostra de 508 estudantes de uma escola secundária da Turquia. Constataram que pessoas procrastinadoras se percebiam como pouco capazes de utilizar estratégias autorreguladoras em sua aprendizagem. Observaram, também, que estudantes do gênero feminino relataram níveis mais elevados de autoeficácia para a autorregulação, de modo que a autoeficácia mostrou-se um preditor mais robusto de procrastinação para estudantes deste gênero. Porém, em ambos os grupos, este fator foi considerado chave para explicar os altos níveis de procrastinação acadêmica, haja vista que o grau em que uma pessoa acredita ser capaz de realizar algo é relevante para prever a probabilidade de se empenhar em ações futuras.

Iskender (2011) examinou a relação entre a procrastinação acadêmica e os seguintes fatores: gênero, autocompaixão e atitudes disfuncionais. A amostra foi composta por 251 estudantes universitários residentes na Turquia. Constatou-se não existir diferenças estatisticamente significativas quando se analisam as variáveis: procrastinação, autocompaixão e atitudes disfuncionais, segregando-se a amostra por gênero. Adicionalmente, descobriram correlação positiva e significativa entre autocompaixão e procrastinação acadêmica; e correlação negativa não significativa entre autocompaixão e atitudes disfuncionais.

Na literatura nacional, as pesquisas referentes à procrastinação ainda são pouco recorrentes, com destaque para os estudos de Enumo e Kerbauy (1999) e Sampaio e Bariani (2011). Os primeiros realizaram um estudo em Vitória, Espírito Santo/Brasil, com o objetivo de analisar o comportamento procrastinador de estudantes e transeuntes. A amostra foi composta por 50 transeuntes e 22 estudantes de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Os achados demonstraram que a maioria das pessoas costuma procrastinar frequentemente, além do fato de que uma parcela significativa da amostra apresenta-se irritada ou se sente culpada em apresentar esse comportamento.

Sampaio e Bariani (2011) também fizeram um estudo exploratório com o objetivo de descrever a procrastinação entre os estudantes universitários no Brasil, além de identificar as atividades mais adiadas e o sentimento relatado pelo procrastinar. A amostra foi composta por 173 estudantes pertencentes aos cursos de graduação em Ciências Biológicas, Psicologia e Medicina em uma universidade confessional. Apontaram que 82% dos estudantes apresentam comportamento procrastinador. Desses, 53% pertenciam ao curso de Ciências Biológicas. Destacaram a alta frequência de tarefas acadêmicas adiadas e significativa presença de sentimentos desagradáveis entre os universitários procrastinadores, como ansiedade, autodepreciação, desmotivação e baixa percepção de autoeficiência.

Verifica-se, portanto, que os estudos sobre procrastinação abordam a temática sob diferentes aspectos, sejam focados na investigação da procrastinação como um comportamento, dedicando-se a analisar a frequência do comportamento procrastinador, as causas e as características das tarefas mais adiadas (SOLOMON; ROTHBLUM, 1984; DAY; MENSINK; O'SULLIVAN, 2000; ENUMO; KERBAUY, 1999; SAMPAIO; BARIANI, 2011), sejam direcionados a identificar padrões na procrastinação dos estudantes, correlacionando-a com desempenho acadêmico e/ou aspectos pessoais, embasados em teorias sobre motivação (extrínseca e intrínseca) e traços da personalidade (ORPEN, 1998; MOON; ILLINGWORTH, 2005; TUCKMAN, 2007; ROTENSTEIN; DAVIS; TATUM, 2009). Destacam-se, ainda, os estudos que incluíram, nos aspectos pessoais dos procrastinadores, fatores relacionados à autoeficácia, autoestima e autorregulação (BESWICK; ROTHBLUM; MANN, 1988; HOWELL, 2006; KLASSEN; KUZUCU, 2009). Algumas pesquisas enfatizaram as consequências da procrastinação, fornecendo orientações para amenizar o problema (DAY; MENSINK; O'SULLIVAN, 2000) e incluíram nos estudos variáveis como gênero e atitudes disfuncionais (COSTA, 2007; BALKIS; DURU, 2009; ISKENDER, 2011).

Observa-se que as pesquisas desenvolvidas até então tendem a focar cada vez mais nas características dos próprios estudantes do que no ambiente e na tarefa a ser executada. Independentemente das particularidades consideradas, grande parcela dos estudos ressaltam que a procrastinação acadêmica influi negativamente no processo de aprendizagem e no desempenho acadêmico do estudante, além de favorecer estados emocionais desadaptadores, como índices elevados de ansiedade frente a avaliações, sucessão de angústias, frustrações, irritação, autocondenação, dentre outros fatores que afetam o bem-estar.

### 3. METODOLOGIA

O estudo se caracteriza como estudo exploratório e utiliza fontes secundárias (livros e artigos) e primárias (questionários) para atender ao objetivo de mapear a relação entre o comportamento procrastinador e o desempenho acadêmico de estudantes do curso de graduação em Ciências Contábeis de Instituições de Ensino Superior (IES) de três universidades brasileiras: (1) Universidade Federal do Paraná (UFPR) com 42 questionários respondidos sem a omissão de nenhuma informação; (2) Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná (UNICENTRO) com 66 respostas válidas; e (3) Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) onde se obteve 92 questionários válidos. O número total de respondentes totalizou 200 acadêmicos do curso de graduação em Ciências Contábeis, em dois estados brasileiros, Paraná e Minas Gerais.

O instrumento de pesquisa foi adaptado do estudo de Lay (1986) e dispõe de 20 questões fechadas com a finalidade de identificar o nível de procrastinação dos estudantes. As respostas para as questões foram elaboradas com base na escala Likert, na qual os respondentes são solicitados a expressarem não só se as assertivas correspondem a algo extremamente característico ou extremamente não característico, como também informarem o seu grau de caracterização. Na presente pesquisa, as questões consistiam em assertivas acompanhadas de uma escala de cinco pontos: (1) extremamente característico, (2) moderadamente característico, (3) neutro, (4) moderadamente não característico, e (5) extremamente não característico.

Os resultados mapeados pela escala foram considerados como variável dependente neste estudo. O instrumento possui uma elevada consistência interna e validade convincente do constructo (POPOOLA, 2005). Conforme os valores identificados na escala, observa-se o comportamento procrastinador do estudante, de modo que uma pontuação elevada indica alto nível de procrastinação. As assertivas que constituem a escala de procrastinação são apresentadas no Quadro 1.

*Quadro 1: Escala de Procrastinação*

|  |
|--|
| 1 - Eu frequentemente me vejo realizando tarefas as quais tinha intenção de realizar em dias anteriores  |
| 2 - Eu não faço trabalhos até pouco antes do prazo em que eles devem ser entregues   |
| 3 - Quando eu termino de ler um livro da biblioteca, eu o devolvo de imediato, independentemente da data programada para devolução                 |
| 4 - Quando é hora de me levantar de manhã, na maioria das vezes, saio direto para fora da cama.  |
| 5 - Uma carta pode aguardar vários dias depois de escrita antes de postá-la.   |
| 6 - Eu geralmente retorno telefonemas prontamente  |
| 7 - Mesmo com tarefas que exigem pouco esforço, apenas sentar-se e fazê-las, eu vejo que elas raramente são concluídas, ficando pendentes por dias |
| 8 - Eu geralmente tomo decisões o mais rápido possível   |
| 9 - Eu geralmente demoro a iniciar o trabalho que tenho que fazer  |
| 10 - Eu geralmente tenho que me apressar para concluir uma tarefa a tempo  |
| 11 - Ao me preparar para sair, eu raramente tenho que fazer algo no último minuto  |
| 12 - Na preparação para algum prazo final, muitas vezes eu perco tempo fazendo outras coisas   |

|  |
|--|
| 13 - Prefiro sair mais cedo para um compromisso  |
| 14 - Costumo começar um trabalho logo após ele me ser atribuído  |
| 15 - Frequentemente termino uma tarefa mais cedo do que o necessário                                       |
| 16 - Eu sempre pareço terminar as compras dos presentes de aniversário e Natal no último minuto            |
| 17 - Eu costumo comprar até mesmo um item essencial na última hora   |
| 18 - Eu normalmente faço todas as coisas que planejo fazer em um dia                                       |
| 19 - Estou continuamente dizendo: "Eu vou fazer isso amanhã"   |
| 20 - Eu costumo finalizar todas as tarefas que tenho para fazer antes de me acalmar e relaxar para a noite |

Fonte: adaptado de Lay (1986).

O questionário foi traduzido por dois profissionais, com reconhecido conhecimento na língua inglesa, para que assim fossem evitados possíveis erros na tradução. Destaca-se, também, que o instrumento de pesquisa não sofreu nenhuma adaptação para o ambiente brasileiro, por se entender que os atributos identificados pelo questionário não seriam influenciados por características nacionais específicas. Conforme observado no estudo de Lay (1986), as assertivas foram distribuídas aleatoriamente pelo questionário, possuindo algumas de cunho negativo em relação ao comportamento, enquanto outras eram de conotações positivas. Esse procedimento foi adotado para evitar vieses decorrentes de tendências de centralização de respostas e para se analisar o nível de atenção com que o questionário foi respondido e a coerência das respostas.

Com base na literatura e com o intuito de verificar se existe associação entre o nível de procrastinação, o desempenho acadêmico e o gênero dos estudantes componentes da amostra, foram testadas na pesquisa duas hipóteses:

$H_1$ : O desempenho acadêmico é negativamente relacionado ao nível de comportamento procrastinador.

Conforme já mencionado, a procrastinação é um fenômeno que aflige indivíduos de todas as idades, em todas as atividades e em diferentes ambientes (BURKA; YUEN, 1991), incluindo estudantes. No ambiente acadêmico, a procrastinação pode se apresentar de maneiras distintas, como o comportamento de adiar tarefas ou até mesmo a não realização destas por medo de falhas (ENUMO; KERBAUY, 1999). O comportamento procrastinador em estudantes tende influenciar seu desempenho (ROTHBLUM; SOLOMON; MURAKAMI, 1986), visto que atrasar ou mesmo não realizar determinadas tarefas pode impactar diretamente em suas notas e, portanto, em seu rendimento acadêmico.

$H_2$ : O comportamento procrastinador é diferente entre homens e mulheres.

O gênero do indivíduo é uma variável empírica de relevância substancial nos estudos sobre fenômenos psicológicos, dentre eles a procrastinação (STEWART; MCDERMOTT, 2004). Sabe-se que o gênero pode influenciar o modo como as pessoas enfrentam tarefas cotidianas (VIEIRA; RUY, 2006). Admite-se, portanto, que há diferença entre o comportamento procrastinador apresentado por homens e mulheres, motivado por experiências proporcionadas e objetivos ou prioridades atribuídos a cada gênero.

Para quantificar o desempenho acadêmico, foram utilizadas três métricas distintas, dependendo da forma como o desempenho acadêmico do aluno é mensurado na IES investigada. Na UFPR, o desempenho foi representado pelo Índice de Rendimento Acadêmico (IRA), indicador adotado em uma série de estudos que exploram o tema em

análise. O IRA é calculado mediante a nota e a carga horária de cada disciplina. As notas são agrupadas no cálculo de rendimento do desempenho do aluno, cujo índice varia de 0 (zero) a 10 (dez). O Índice de Rendimento Acadêmico é calculado da seguinte forma:

$$IRA = \frac{\sum N \times CH}{CHT \times 100}$$

Em que,  
 IRA = Índice de Rendimento Acadêmico;  
 N = Notas;  
 CH = Carga Horária;  
 CHT = Carga Horária Total.

Em relação à UFMG, utilizou-se o Rendimento Semestral Global (RSG), que corresponde à média ponderada do desempenho acadêmico do aluno em cada semestre. Para o cálculo do RSG, que varia de 0 a 5, convertem-se os conceitos obtidos em cada atividade/disciplina em valores, observando-se a seguinte correspondência:

Tabela 1: Cálculo do RSG.

| Pontos   | Conceitos        | Valor |
|----------|------------------|-------|
| 90 a 100 | A – Excelente    | 5     |
| 80 a 89  | B – Ótimo        | 4     |
| 70 a 79  | C – Bom          | 3     |
| 60 a 69  | D – Regular      | 2     |
| 40 a 59  | E – Fraco        | 1     |
| 00 a 39  | F – Insuficiente | 0     |

Fonte: FACE/UFMG (2014).

O valor do conceito de cada atividade em que o aluno se matriculou no semestre, excluídas as disciplinas porventura trancadas, é multiplicado pelo seu respectivo número de créditos; os produtos obtidos são somados e o resultado é dividido pelo número total de créditos em que o aluno se matriculou no semestre.

Na Unicentro adotou-se como métrica para o desempenho a média simples da nota de cada acadêmico, ou seja, o somatório das notas obtidas divididas pelo número de disciplinas cursadas:

$$DA = \frac{NTD}{TD}$$

Em que,  
 DA = Desempenho Acadêmico;  
 NTD = Notas do Total de Disciplinas cursadas  
 TD = Total de Disciplinas cursadas

Para ajustar as métricas de desempenho em um parâmetro comum, optou-se por converter o RSG dos acadêmicos da UFMG em uma variável compreendida entre 0 e 10.

Para identificar o gênero do estudante, adotou-se uma variável *dummy*, sendo 1 para gênero masculino e 0 para gênero feminino. Quanto ao tratamento dos dados, preconizou-se a utilização de recursos estatísticos descritivos para organizar as informações, além da realização de testes de normalidade, testes de diferença de médias e testes de correlação para verificar a existência de relação entre o comportamento procrastinador e o desempenho acadêmico de estudantes do curso de Ciências Contábeis. Os testes estatísticos foram conduzidos com o auxílio do *software* IBM SPSS Statistics 19, com nível de significância a 5%.

## 4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Com o propósito de responder à questão de pesquisa, são apresentados e discutidos os resultados empíricos alcançados no estudo. Inicialmente, realiza-se uma descrição do perfil dos estudantes, seguido pela apresentação das estatísticas descritivas das variáveis estudadas. Na sequência, buscou-se verificar a correlação entre as variáveis de comportamento procrastinador (PROCRAS) e desempenho acadêmico (Desempenho). Por fim, empregou-se o teste T de Student com o propósito de verificar se as médias de procrastinação são estatisticamente diferentes entre os gêneros dos acadêmicos do curso de graduação nas IES.

Considerando-se os dados retornados pelos respondentes, constatou-se que estes apresentam o seguinte perfil: em sua maioria do gênero feminino (62%), com idade entre 21 a 25 anos (46%). Os estudantes com idade superior a 26 anos representam apenas 26,50% da amostra, conforme apresentado na Tabela 2.

Tabela 2: Identificação dos estudantes por gênero e faixa etária.

|        |                  | UFMG |        | UFPR |        | UNICENTRO |        | Total |        |
|--------|------------------|------|--------|------|--------|-----------|--------|-------|--------|
|        |                  | N    | %      | N    | %      | N         | %      | N     | %      |
| Gênero | Feminino         | 42   | 63,64  | 27   | 64,29  | 55        | 59,78  | 124   | 62,00  |
|        | Masculino        | 24   | 36,36  | 15   | 35,71  | 37        | 40,22  | 76    | 38,00  |
|        | Total            | 66   | 100,00 | 42   | 100,00 | 92        | 100,00 | 200   | 100,00 |
| Idade  | Até 20 anos      | 20   | 30,30  | 7    | 16,67  | 28        | 30,43  | 55    | 27,50  |
|        | 21 a 25 anos     | 35   | 53,03  | 21   | 50,00  | 36        | 39,13  | 92    | 46,00  |
|        | 26 a 30 anos     | 7    | 10,61  | 8    | 19,05  | 18        | 19,57  | 33    | 16,50  |
|        | Acima de 30 anos | 4    | 6,06   | 6    | 14,29  | 10        | 10,87  | 20    | 10,00  |
|        | Total            | 66   | 100,00 | 42   | 100,00 | 92        | 100,00 | 200   | 100,00 |

Fonte: elaborada pelos autores.

A análise dos resultados baseia-se, inicialmente, em estatísticas descritivas das variáveis quantitativas utilizadas na pesquisa, conforme verificado na Tabela 3.

Tabela 3: Análise descritiva das variáveis

| Variáveis  | N   | Média  | DP     | Mínimo | Máximo |
|------------|-----|--------|--------|--------|--------|
| Procrast.  | 200 | 56,475 | 12,725 | 30,000 | 89,000 |
| Desempenho | 200 | 7,521  | 1,316  | 3,500  | 10,000 |

Fonte: dados da pesquisa

Para obter os escores do nível de procrastinação (PROCRAS) foram atribuídos valores de 1 a 5 a cada questão com objetivo de identificar a tendência do estudante em procrastinar, sendo que 1 indica menor tendência e 5, maior. Assim, quanto maior o comportamento procrastinador, maiores foram os escores. A pontuação máxima que o estudante poderia obter era de 100 pontos. Observou-se que os acadêmicos, em média, demonstram um índice de procrastinação com escore médio de aproximadamente 56%, o que sugere uma tendência dos estudante em postergar suas atividades. No entanto, deve-se atentar para a diferença entre os escores mínimo e máximo, respectivamente, 30% e 89%, e para o coeficiente de variação de cerca de 22%.

Em relação à métrica de desempenho acadêmico (DESEMPENHO), os estudantes dos cursos de Ciências Contábeis das três IES analisadas apresentam, em média, um desempenho superior a 7,5. O desvio-padrão demonstra, também, baixa dispersão das notas (1,316). Além disso, verifica-se a presença de estudantes com pontuação máxima de 10 pontos enquanto o mínimo observado foi de 3,5 pontos.

Na Tabela 4 são descritos os testes de normalidade aos quais as variáveis quantitativas utilizadas no estudo foram submetidas: Teste de Kolmogorov-Smirnov e Teste de Shapiro-Wilk.

Tabela 4: Testes de Normalidade

| Testes de Normalidade |                    |     |               |              |     |               |
|-----------------------|--------------------|-----|---------------|--------------|-----|---------------|
|                       | Kolmogorov-Smirnov |     |               | Shapiro-Wilk |     |               |
|                       | Estatística        | DF  | Significância | Estatística  | DF  | Significância |
| Procrast              | 0,072              | 200 | 0,013         | 0,983        | 200 | 0,015         |
| Desempenho            | 0,147              | 200 | 0,000         | 0,924        | 200 | 0,000         |

Fonte: dados da pesquisa.

O Teste de Kolmogorov-Smirnov (K-S) é usado para indicar se a distribuição da variável em estudo é proveniente de uma população com distribuição normal. Os resultados do teste K-S para as variáveis quantitativas utilizadas na pesquisa (Procrast e Desempenho) apresentaram valor-p de 0,013 e 0,000, respectivamente. Desse modo, considerando-se um nível de significância de 5%, pode-se inferir que as variáveis apresentam uma distribuição normal. O Teste de Shapiro-Wilk é uma alternativa ao teste K-S para amostras com menos de 50 observações. Seus resultados também confirmam a distribuição normal das variáveis de desempenho acadêmico (Desempenho) e comportamento procrastinador (Procrast).

Verifica-se, na Tabela 5, a matriz de correlação entre as variáveis de desempenho acadêmico e procrastinação. Salienta-se que, tendo em vista os resultados encontrados

nos testes de normalidade, optou-se por utilizar neste estudo o Coeficiente de Correlação de Pearson com o propósito de responder à questão da pesquisa, visto que as variáveis apresentam distribuição normal.

Tabela 5: Matriz de correlação das variáveis da pesquisa

|                     | Procrast. | IRA       |
|---------------------|-----------|-----------|
| 1. Procrast         | 1         | -0,304*** |
| 2. Desempenho (IRA) | -0,304*** | 1         |

Nota: \*\*\* Nível de significância: 1%

Fonte: dados da pesquisa.

Os resultados da matriz de correlação indicam uma relação negativa e significativa ( $p\text{-value} < 0,01$ ) entre o comportamento procrastinador (*Procrast*) e o desempenho acadêmico dos alunos do curso de Ciências Contábeis, permitindo inferir que estudantes que tendem postergar a execução de suas tarefas possuem um desempenho inferior aos estudantes que realizam suas atividades em dia, não rejeitando, assim, a hipótese H1 elencada na pesquisa (*O desempenho acadêmico está negativamente relacionado ao comportamento procrastinador*).

Para testar a hipótese H2 da pesquisa (*O comportamento procrastinador é diferente entre homens e mulheres*), adotou-se o teste T de Student, conforme Tabela 6.

Tabela 6: Resultados do teste de média em relação ao gênero dos acadêmicos.

| Teste T Student |           |            |        |               |                   |               |
|-----------------|-----------|------------|--------|---------------|-------------------|---------------|
|                 | Gênero    | Observação | Média  | Desvio Padrão | Teste Estatístico | Significância |
| Procrastinação  | Masculino | 124        | 57,032 | 13,968        | 0,790             | 0,430         |
|                 | Feminino  | 76         | 55,566 | 14,408        |                   |               |
|                 | Total     | 200        |        |               |                   |               |

Fonte: dados da pesquisa.

Os resultados do teste de médias sugere que os estudantes do gênero masculino possuem a maior média de procrastinação (23,57), no entanto, a ausência de significância não possibilita rejeitar a hipótese nula, de que não há diferença relativa ao nível de procrastinação entre os estudantes dos dois gêneros. Portanto, os resultados encontrados nesse estudo sugerem que os acadêmicos do curso de Ciências Contábeis tendem a procrastinar com frequência em suas atividades escolares. Concomitantemente aos altos níveis de procrastinação, os estudantes tendem a apresentar um baixo desempenho educacional, indicando que a postergação das atividades escolares compromete seu desempenho acadêmico.

Outro resultado relevante refere-se à diferença entre o comportamento procrastinador considerando o gênero dos acadêmicos. Embora, em um primeiro momento, observaram-se indícios que estudantes do sexo feminino apresentavam maior sensibilidade na relação entre o comportamento procrastinador e o desempenho nos estudos, essa

relação não pode ser confirmada estatisticamente, sugerindo a procrastinação afeta igualmente os estudantes de ambos os sexos.

Como análise complementar, buscou-se verificar, também, se há indícios de diferença entre o comportamento procrastinador dos acadêmicos e sua faixa etária (Tabela 7).

Tabela 7: Resultados do teste de média em relação à idade dos acadêmicos.

| Teste T Student |              |            |        |               |                 |               |
|-----------------|--------------|------------|--------|---------------|-----------------|---------------|
|                 | Idade        | Observação | Média  | Desvio Padrão | Test statistics | Significância |
| Procrastinação  | até 20 anos  | 55         | 56,600 | 11,732        | 0,482           | 0,630         |
|                 | 21 a 25 anos | 92         | 57,673 | 13,791        |                 |               |
|                 | até 20 anos  | 55         | 56,600 | 11,732        | 0,238           | 0,813         |
|                 | 26 a 30 anos | 33         | 56,000 | 11,005        |                 |               |
|                 | até 20 anos  | 55         | 56,600 | 11,732        | 1,670           | 0,099         |
|                 | 31 a 35 anos | 20         | 51,400 | 12,462        |                 |               |
|                 | 21 a 25 anos | 92         | 57,673 | 13,791        | 0,629           | 0,531         |
|                 | 26 a 30 anos | 33         | 56,000 | 11,005        |                 |               |
|                 | 21 a 25 anos | 92         | 57,673 | 13,791        | 1,874           | 0,064         |
|                 | 31 a 35 anos | 20         | 51,400 | 12,462        |                 |               |
|                 | 26 a 30 anos | 33         | 56,000 | 11,005        | 1,403           | 0,167         |
|                 | 31 a 35 anos | 20         | 51,400 | 12,462        |                 |               |

Fonte: dados da pesquisa.

Os resultados apresentados indicam que os acadêmicos com faixa etária entre 31 e 35 anos tendem a apresentar um nível de procrastinação inferior aos estudantes mais jovens. Porém, a não significancia no teste ( $p\text{-value} < 0,05$ ) não permite concluir essa informação com segurança. Assim, sugere-se que o comportamento procrastinador afeta igualmente os estudantes, independente de suas faixas etárias.

Por fim, verificou-se o comportamento procrastinador dos acadêmicos em relação à Instituição de Ensino Superior (IES) que frequentam (Tabela 8).

Tabela 8: Resultados do teste de média em relação às IES.

| Teste T Student |           |            |        |               |                 |               |
|-----------------|-----------|------------|--------|---------------|-----------------|---------------|
|                 | IES       | Observação | Média  | Desvio Padrão | Test statistics | Significância |
| Procrastinação  | UFMG      | 66         | 61,409 | 13,178        | 3,061           | 0,003         |
|                 | UFPR      | 42         | 53,595 | 12,529        |                 |               |
|                 | UFMG      | 66         | 61,409 | 13,178        | 3,625           | 0,000         |
|                 | UNICENTRO | 92         | 54,250 | 11,526        |                 |               |
|                 | UFPR      | 42         | 53,595 | 12,529        | 0,297           | 0,767         |
|                 | UNICENTRO | 92         | 54,250 | 11,526        |                 |               |

Fonte: dados da pesquisa.

Os resultados indicam que os estudantes que frequentam o curso de Ciências Contábeis da UFMG apresentam uma tendencia a procrastinar superior quando comparada

às demais instituições analisadas (UFPR e UNICENTRO). Notou-se, também, que a média de procrastinação entre os alunos da UNICENTRO é ligeiramente superior à da UFPR, porém, essa diferença não é estatisticamente significativa.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como objetivo investigar a relação entre o comportamento procrastinador e o desempenho acadêmico dos alunos do curso de graduação em Ciências Contábeis. Para isso foi adotado como *proxy* para o comportamento procrastinador os escores obtidos por meio da escala de Procrastinação desenvolvida e validada por Lay (1986). Como *proxy* para o desempenho acadêmico, foram utilizadas três métricas distintas, dependendo da forma como a *performance* do aluno é mensurada na IES investigada. Para identificar o gênero dos estudantes foi empregada uma *dummy* (1 = masculino e 0 = feminino).

Os resultados da matriz de correlação sugerem que estudantes com altos níveis de procrastinação tendem a ter seu desempenho reduzido, fato esse que não rejeita a hipótese nula associada a H1. Os resultados encontrados a partir das duas técnicas de correlação são coerentes com os estudos de Rothblum, Solomon e Murakami (1986) e Popoola (2005) no que se refere à relação negativa entre o desempenho acadêmico e o nível de procrastinação.

A priori, a maior média evidenciada no teste de diferenças de médias (*T Student*) sugere que os estudantes do gênero masculino tendem a apresentar um maior nível de procrastinação. Contudo, a ausência de significância estatística não permite rejeitar a hipótese nula de inexistência de diferença entre os gêneros e o nível de procrastinação. Assim, os resultados encontrados contrariam os achados apresentados por Costa (2007) que constata que estudantes do sexo feminino demonstram um nível superior de procrastinação.

Ressalta-se que os resultados obtidos estão limitados à amostra representada pelos alunos do curso de graduação em Ciências Contábeis da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO). As limitações estão relacionadas, também, às variáveis selecionadas bem como às técnicas de análise de dados.

Os resultados permitem concluir que o comportamento procrastinador afeta o desempenho acadêmico de alunos dos cursos de graduação em Ciências Contábeis. No entanto, não mostram evidências de que esse comportamento tenha diferenças relacionadas ao gênero. Esses resultados têm implicações importantes para coordenadores de cursos, professores e, principalmente, para os próprios estudantes, nessa transição entre a adolescência e a idade adulta e, posteriormente, para a vida profissional. Ressalta-se a importância do tema tendo em vista os efeitos que o comportamento procrastinador tem no desempenho acadêmico e no bem-estar dos estudantes e profissionais da área.

É importante ainda que as instituições de ensino superior adotem ações que auxiliem os estudantes a quebrar o círculo vicioso da procrastinação.

Um ponto a considerar é que a profissão contábil envolve usualmente o cumprimento de prazos para o fornecimento de relatórios e análises, quer sejam internos às organizações, quer sejam externos. Portanto, o comportamento procrastinador tem um impacto especialmente relevante para esse profissional.

Sugere-se para futuras pesquisas ampliar a amostra utilizada nesse estudo, incluindo instituições privadas ou públicas em outros estados e regiões; a consideração de relações entre o nível de procrastinação com variáveis como a fase no curso, a idade, o perfil sócio-econômico, além do gênero; a utilização de outras métricas com capacidade de mensurar o comportamento procrastinador dos acadêmicos; e a extensão dos estudos para incluir alunos dos cursos de pós-graduação e profissionais.

## REFERÊNCIAS

BALKIS, M.; DURU, E. Prevalence of Academic Procrastination Behavior Among Pre-Service Teachers, And Its Relationship with Demographics and Individual Preferences. *Journal of Theory and Practice in Education*, v. 5, n.1, p. 18-32, 2009.

BESWICK, G.; ROTHBLUM, E.; MANN, L. Psychological Antecedents of Student Procrastination. *Australian Psychologist*, v. 23, n.2, p.207-217,1988.

BURKA, J.; YUEN, L. *Procrastinação*. São Paulo: Nobel, 1991.

COSTA, M. D. S. *Procrastinação, Autorregulação e Gênero*, 2007. Tese (Mestrado em Psicologia) - Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade do Minho, Portugal.

DAY, V.; MENSINK, D.; O'SULLIVAN, M. Patterns of Academic Procrastination. *Journal of College Reading and Learning*, v. 30, n.2, p. 120- 134, 2000.

ENUMO, S. R. F; KERBAUY, R. R. Procrastinação: descrição de comportamento de estudantes e transeuntes de uma capital brasileira. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*. v. 1, n. 2, p. 125-133. 1999.

FACE/UFMG. Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. *Informações aos alunos*. Disponível em: <<http://web.face.ufmg.br/face/portal/informacoes-aos-alunos.html>>. Acesso em: 03 set. 2014.

FERRARI, J. Trait Procrastination in Academic Settings: An Overview of Students Who Engage in Task Delays. In: Schouwenburg, H.; Lay,C; Timothy,P. Ferrari, J. (Orgs.) *Counseling*

**the Procrastinator in Academic Settings.** American Psychological Association, p.19-28, 2004.

FERRARI, J. R.; BECK, B. L. Affective responses before and after fraudulent excuses by academic procrastinators. **Education**, v. 118, n. 4, p. 529 – 538. 1998.

FERRARI, J. R.; JOHNSON, J.; MCCOWN, W. **Procrastination and task avoidance: Theory, research and treatment.** New York: Plenum Press, 1995.

FERRARI, J. R.; O'CALLAGHAN, J.; NEWBEGIN, I. Prevalence of procrastination in the United States, United Kingdom, and Australia: arousal and avoidance delays among adults. **North American Journal of Psychology**, v.7, n. 1, 1-6. 2005.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** 1964.

GREEN, L. Minority students' self-control of procrastination. **Journal of Counseling Psychology**, v. 29, n. 6, p. 636-644, 1982.

HARRIOTT, J.; FERRARI, J. R. Prevalence of procrastination among samples of adults. **Psychological Reports**, v. 78, p. 611-616, 1996.

HILL, M. et. al. A survey of college faculty and student procrastination. **College Student Personnel Journal**, v. 12, n.3, p. 256-62, 1978.

HOWELL, A. J. et al. Academic procrastination: The pattern and correlates of behavioral postponement. **Personality and Individual Differences**, v. 40, n. 8, p. 1519-1530, jun. 2006.

ISKENDER, M. The Influence of Self-Compassion on Academic Procrastination and Dysfunctional Attitudes. **Educational Research and Reviews**, v. 6, n. 2 p. 230-234, 2011.

KLASSEN, R. M.; KUZUCU, E. Academic procrastination and motivation of adolescents in Turkey. **Educational Psychology**, v. 29, n.1, p.69-81, 2009.

KNAUS, W. J. Procrastination, blame, and change. **Journal of Social Behavior and Personality**, v. 15, p. 153-166, 2000.

LAY, C. At last, my research article on procrastination. **Journal of Research in Personality**, v. 20, p. 474 – 495, 1986.

MCCRAE, R. R.; COSTA, P. T. More reasons to adopt the Five-Factor Model. **American Psychologist**, v. 44, p. 451-452, 1989.

MOON, S. M.; ILLINGWORTH, A. J. Exploring the dynamic nature of procrastination: A latent growth curve analysis of academic procrastination. **Personality and Individual Differences**, v. 38, n. 2, p. 297-309, 2005.

ORPEN, C. The causes and consequences of academic procrastination: A research note, **Westminster Studies in Education**, v. 21, 1998.

POPOOLA, B. I. A study of the relationship between procrastinatory behavior and academic performance of undergraduate students in a Nigerian University. **Journal of African Education Research**, v. 11, n. 3, p. 215-218, 2005.

ROTENSTEIN, A.; DAVIS, H. Z.; TATUM, L. Early Birds versus Just-in-Timers: The effect of procrastination on academic performance of accounting students. **Journal of Accounting Education**, v. 27, n. 4, p. 223-232. 2009.

ROTHBLUM, E. D.; SOLOMON, L. J.; MURAKAMI, J. Affective, cognitive and behavioral differences between high and low procrastinators. **Journal of Counseling Psychology**, n. 33, p. 387-394, 1986.

SAMPAIO, R. K. N. 2011. **Procrastinação acadêmica e autorregulação da aprendizagem em estudantes universitários**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

SAMPAIO, R. K. N.; BARIANI, I. C. Procrastinação acadêmica: um estudo exploratório. **Estudos Interdisciplinares de Psicologia**, v. 2, n. 2, p. 242-262, 2011.

SCHOUWENBURG, H. C. Academic procrastination: Theoretical notions, measurement, and research. In: FERRARI, J. R.; JOHNSON, J. L.; MCCOWN, W. G. (Eds.), **Procrastination and task avoidance: Theory, research, and treatment**, p. 71–96. New York: Plenum Press, 1995.

SCHOUWENBURG, H. Procrastination in Academic Settings: General Introduction. In: SCHOUWENBURG, H.; LAY, C.; TIMOTHY, P.; FERRARI, J. (Orgs.) **Counseling the Procrastinator in Academic Settings**. American Psychological Association, p.3-18, 2004.

SENÉCAL, C.; KOESTNER, R.; VALLERAND, R. Self-regulation and academic procrastination. **The Journal of Social Psychology**, v. 135, n. 5, p. 607–619, 1995.

SOLOMON, L. J.; ROTHBLUM, E. D. Academic Procrastination: Frequency and Cognitive-Behavioral Correlates. **Journal of Counseling Psychology**, v. 31, n. 4, p. 503-09, out. 1984.

STEEL, P. The nature of procrastination. **Psychological Bulletin**, v. 133, n. 1, p. 65-94, 2007.

STEWART, A. ; MCDERMOTT, C. Gender in psychology. **Annual Review of Psychology**, v. 55, p. 519–44, 2004.

TUCKMAN, B. W. The effect of motivational scaffolding on procrastinators distance learning outcomes. **Computers & Education Review**, v. 49. p. 414 – 422. 2007.

VAN EERD, W. Procrastination in academic settings and the big five model of personality. In: SCHOUWENBURG, H. C.; LAY, C. H.; PYCHYL, T. A.; FERRARI, J. R., **Counseling the procrastination in academic setting**, p. 29-40. Whashington, 2004.

VIEIRA, M., RUY, J. **Educação Familiar: estratégias para a promoção da igualdade de género**. Lisboa: CIDM, 2006.